

Introdução

Num fim de tarde de setembro de 2010, estava nas bancadas a assistir a um jogo de futebol americano, num estabelecimento de ensino secundário de Nashville, Tennessee, com uma poderosa sensação de *déjà vu*. Como membro da banda da minha escola secundária, em meados da década de 1990, passara inúmeras noites de sexta-feira em bancadas por toda a Pensilvânia central, sob o pretexto de apoiar a equipa de futebol da minha escola, para poder andar com os meus amigos. A cena na escola de Nashville, em 2010, podia bem ter acontecido quando eu frequentava o ensino secundário, quase duas décadas antes. Era uma noite americana arquetípica e imediatamente legível para mim. Não pude deixar de sorrir com a ironia, considerando que estava em Nashville para falar com adolescentes sobre como a tecnologia mudara as suas vidas. Sentada nas bancadas, pensei: quanto mais as coisas haviam mudado, mais iguais pareciam.

Lembrei-me de ter falado com um adolescente chamado Stan que conhecera em Iowa, três anos antes, e que me dissera que parasse de procurar diferenças. “Na verdade, ficaria surpreendida com o pouco que as coisas mudaram. Desconfio que grande parte da peça continua a ser a mesma, só o formato é que é um pouco diferente. Trata-se apenas de mudar a fonte e alterar a cor do fundo, a sério”. Fez referências à tecnologia para me lembrar que esta não estava a alterar nada importante.

Em Nashville, as chefes de claque gritavam “Defesa!” e agitavam os seus pompons coloridos, enquanto rapazes de *smoking* e raparigas de vestido comprido se alinhavam na pista de corrida que circundava

o campo de futebol, mostrando que o intervalo estava a chegar. Era um jogo de Recepção a antigos alunos e, ao intervalo, a Corte de Recepção aos Antigos Alunos entrava em campo, em traje de cerimónia, para ser apresentada ao público antes de o locutor anunciar o Rei e a Rainha. A corte era constituída por oito raparigas e oito rapazes, sendo metade deles brancos e metade negros. Pensei na falta de representação asiática ou hispânica numa cidade cuja demografia estava a alterar-se. O locutor apresentou cada membro ao público, centrando-se nas suas atividades extracurriculares, a sua participação numa das igrejas locais e os seus sonhos para o futuro.

Entretanto, a maior parte do corpo de alunos estava sentada nas bancadas. Estavam vestidos com as cores da escola, e muitos haviam pintado inclusive os rostos para apoiar, mas mal prestavam atenção ao que se passava no campo. Para além de um breve silêncio quando a Corte foi apresentada, passaram a maior parte do tempo virados uns para os outros, a conversar, gozando uma oportunidade rara de passarem algum tempo não estruturado em conjunto como amigos e pares.

Tal como em muitas escolas que visitei ao longo dos anos, as amizades nesta escola de Nashville eram definidas, em grande medida, por raça, género, sexualidade e ano escolar, e essas redes eram imediatamente visíveis com base em com quem os estudantes falavam ou se sentavam. De um modo geral, os alunos estavam confinados à sua própria secção nos flancos das bancadas, enquanto os pais ou adeptos mais “respeitáveis” ocupavam os lugares centrais. Os alunos das bancadas eram, na sua maior parte, brancos e estavam divididos por anos: os finalistas ocupavam os lugares que ficavam mais próximo do campo, enquanto os caloiros eram empurrados lá para trás. As raparigas raramente estavam sozinhas com rapazes mas, quando assim era, estavam de mão dada. Os adolescentes que se aglomeravam em baixo e à direita das bancadas representavam uma parte diferente da escola. Ao contrário dos seus pares que se encontravam nas bancadas, os alunos que se moviam por ali eram, na sua maioria, negros. Excetuando a Corte, só havia um grupo racialmente misto, e os seus membros eram reconhecíveis sobretudo pelas suas vestimentas “artísticas” — cabelos de cores não naturais, *piercings* e roupas pretas que reconheci como oriundas das prateleiras da *Hot Topic*, uma ca-

deia de lojas populares instaladas em centros comerciais e que fornece góticos, *punks* e outros grupos subculturais.

Apenas duas coisas confirmavam que não estávamos em 1994: a moda e os telemóveis. Não se viam as franjas, as permanentes e a utilização excessiva de gel e laca, inspiradas na década de 1980, que dominaram os meus tempos do ensino secundário, até à entrada da década de 1990. E, ao contrário de em 1994, os telemóveis estavam por todo o lado. Até onde me era dado ver, todos os adolescentes que assistiram ao jogo, nesse dia, em Nashville, tinham um: *iPhones*, *Blackberries* e outros *smartphones* de topo de gama pareciam ser especialmente populares nesta escola destinada à classe média alta. Como seria de esperar, os telefones que se encontravam nas mãos dos alunos brancos eram amiúde mais caros ou de marcas mais elitistas do que os que se viam nas mãos dos alunos negros.

A omnipresença dos telemóveis nas bancadas não é assim tão surpreendente: mais de 80 % dos alunos das escolas secundárias, nos Estados Unidos, tinham um telemóvel, em 2010.¹ O que era surpreendente, pelo menos para a maior parte dos adultos, era quão pouco os adolescentes os utilizavam realmente como telefones. Os adolescentes que vi não estavam a fazer chamadas. Sacaram dos telefones para fotografarem a Corte e muitos enviavam freneticamente mensagens de texto enquanto tentavam encontrar-se uns aos outros na multidão. A partir do momento em que se encontravam, as mensagens paravam, muitas vezes. Nas poucas vezes em que um telefone tocava realmente, a resposta costumava ser um furioso “Mãe!” ou “Pai!” que dava a entender que um progenitor estava a telefonar para controlar, o que, considerando a reação dos adolescentes a tais chamadas, era claramente uma interrupção indesejada. E apesar de muitos adolescentes enviarem mensagens de texto com frequência, não estavam a dirigir a maior parte da atenção para os seus dispositivos. Quando olhavam realmente para os seus telefones, estavam amiúde a partilhar o ecrã com a pessoa que se encontrava sentada ao lado, lendo ou vendo algo juntos.

Os pais que se encontravam nas bancadas estavam a prestar muito mais atenção aos seus dispositivos. Encontravam-se equipados ainda mais universalmente com *smartphones* do que os seus filhos, e esses instrumentos dominavam a sua atenção. Não podia ver se estavam a

ver se tinham correio eletrônico ou apenas a complementar o jogo de futebol com outro conteúdo, por estarem aborrecidos ou distraídos. Mas muitos adultos olhavam fixamente para os seus dispositivos, mal erguendo os olhos quando era marcado um tento. E, ao contrário dos adolescentes, não partilhavam os telefones com outros nem tiravam fotografias ao acontecimento.

Embora muitos pais que conheci lamentassem a obsessão dos filhos com os telefones, os adolescentes de Nashville estavam a tratá-los como se não fossem mais do que uma mera câmara fotográfica com um dispositivo de coordenação. A razão era clara: os seus amigos estavam mesmo ali, com eles. Não precisavam de mais nada.

Fora a Nashville para compreender melhor como é que os *media* sociais e outras tecnologias tinham mudado a vida dos adolescentes. Estava fascinada com as novas tecnologias de comunicação e informação que haviam surgido desde os meus tempos de ensino secundário. Passara a minha adolescência online e contava-me entre a primeira geração de adolescentes a fazê-lo. Mas eram tempos diferentes; no início da década de 1990, poucos amigos meus estavam interessados sequer em computadores e todo o meu interesse pela Internet estava relacionado com a insatisfação que sentia relativamente à minha comunidade local. A Internet proporcionava-me um mundo mais amplo, um mundo povoado por pessoas que partilhavam os meus interesses idiossincráticos e estavam dispostas a discutir-los a qualquer altura, tanto de dia como de noite. Cresci numa época em que estar online — ou “ligar-se” — era um mecanismo de fuga e eu queria evadir-me desesperadamente.

Os adolescentes que encontrei são atraídos para os *media* sociais populares como o Facebook e o Twitter ou para tecnologias móveis como as *apps* e as mensagens de texto por motivos completamente diferentes. Ao contrário de mim e de outros primeiros partidários que evitávamos a nossa comunidade local visitando fóruns de discussão e *bulletin boards*, hoje em dia, a maior parte dos adolescentes está online para interagir com pessoas da sua comunidade. Esta participação online não é excêntrica; é perfeitamente normal e até esperada.

No dia seguinte ao do jogo de futebol em Nashville, entrevistei uma rapariga que assistira ao jogo. Sentámo-nos e fomos ver a sua página no Facebook, onde me mostrou diversas fotografias da noite

anterior. O Facebook não estivera no seu espírito durante o jogo mas, ao chegar a casa, carregara as fotografias, identificara os amigos e começara a comentar as fotografias de terceiros. As atualizações de estado que vi na sua página estavam cheias de referências a conversas havidas durante o jogo. Usava o Facebook para prolongar o prazer que tivera em interagir com os seus colegas durante o jogo. Embora não pudesse estar fisicamente com os amigos depois de o jogo terminar, usou o Facebook para continuar em contacto depois de as bancadas se terem esvaziado.

Os *media* sociais desempenham um papel crucial nas vidas dos adolescentes em rede. Embora as tecnologias específicas mudem, proporcionam coletivamente, aos adolescentes, um espaço onde podem passar o tempo e interagir com os amigos. As interações mediadas dos adolescentes complementam ou suplementam, por vezes, os seus encontros face a face. Em 2006, quando o MySpace estava no auge da sua popularidade, Skyler, de dezoito anos, disse à mãe que estar no MySpace era perfeitamente essencial para a sua vida social. Explicou: “Se não estiveres no MySpace, não existes”. O que Skyler queria dizer era, simplesmente, que a aceitação social depende da capacidade de socializar com os pares num local “fixe”. Cada coorte de adolescentes tem um espaço diferente que decide que é fixe. Costumava ser o centro comercial, mas para os jovens analisados neste livro, *sites* das redes sociais como o Facebook, o Twitter e o Instagram são *os* locais fixes. Inevitavelmente, quando este livro for publicado, a nova geração de adolescentes terá habitado inevitavelmente um novo conjunto de *apps* e ferramentas, fazendo com que os *sites* das redes sociais pareçam fora de moda. Os espaços podem mudar, mas os princípios organizadores não são diferentes.

Embora alguns adolescentes ainda se reúnam em centros comerciais e jogos de futebol, a introdução dos *media* sociais altera efetivamente a paisagem. Permite aos jovens criarem um espaço fixe sem se transportarem fisicamente para algum lado. E em virtude de uma variedade de fatores sociais e culturais, os *media* sociais tornaram-se um espaço público importante onde os adolescentes podem reunir-se e conviver amplamente com os pares, de um modo informal. Os adolescentes procuram um espaço próprio para compreenderem o mundo que está para além dos seus quartos. Os *media* sociais